

DAS FORÇAS NATURAIS AO HIPERTEXTO

Aníbal Perea
Mestrando em Ciência da Informação
Especialista em Gestão Pública
anibalperea@gmail.com

Resumo: Analisar como as forças naturais, centrípeta e centrífuga; e a constante - comportam-se na formação e na descrição do pensamento, seja de um item ou um conjunto, é visualizar e entender que a máquina é a evolução “externa” da formação do pensamento e como ele, vem se organizando para melhor permitir a leitura ou releitura de um item ou corpus textual. Quem escreve um texto ou um hipertexto recria seu universo, permitido pela historicidade dos caminhos antes percorridos. Já quem lê, lê o mundo a redor, bem como ele mesmo. Fundir estes dois fenômenos é o achado do escritor quando posto frente à máquina.

Palavras-Chave: Forças naturais, Hipertexto. Leitura.

INTRODUÇÃO

A organização do universo se dá, via de regra, pela conjugação de forças hierárquicas, antagônicas; capazes de serem coadunadas de forma harmônica, caótica ou em alguns casos autogovernáveis, melhor sorte, como aplicado na física, as forças se regem. Se a máxima está em como os elementos componentes de um sistema se organizam e regem-se, então, aqueles modelos usados na física podem, com os devidos ajustes e críticas da área, ser modelados e incorporados à área da ciência da informação para explicar fenômenos que afetam a configuração, formatação e construção de um texto.

Para construirmos um texto, nos valemos de um sem número de leis que regem a natureza, força e aceleração que guiam ao alcance de um resultado harmônico. Isso se configura no momento que, eu, ser humano faço o construto inicial das ideias, a estratégia de organizar os termos-chave para melhor descrever uma ideia e, por último, lanço ao papel ou tela do computador um conjunto de palavras configurando o corpus textual que condensa um pensamento.

Uma das primeiras forças que lançamos mão é a força centrípeta.

Sabendo, segundo Carvalho (2013):

$$a_{cp} = \frac{v^2}{R}$$

Ou

$$a_{cp} = \omega^2 R$$

Então:

$$F_{cp} = m \cdot a_{cp} = m \cdot \frac{v^2}{R} = m \cdot \omega^2 \cdot R$$

Aquela força é descrita na física como a capaz de mudar a direção de um corpo na sua trajetória no momento de efetuar um movimento circular ou entrar em uma curva. Paralelamente a isto ocorre a chamada aceleração centrípeta, que juntas com a força apontam para o centro da trajetória em uma constante. Com isto, podemos afirmar, a força centrípeta é a resultante das forças que agem sobre o corpo com direção perpendicular à trajetória. Incorporadas a força, a aceleração e o sistema de pensamento da física, na construção de um texto, e exportando esse sistema e cotejando-o aos movimentos heurísticos com fins de construir um texto, temos que, o sujeito se depara com as próprias fugas ou perdas de concentração, sendo chamado na formação do hipertexto como dispersão.

[...] a linguagem não se contenta em ir de um primeiro a um segundo, de alguém que viu para alguém que não viu, mas vai necessariamente de um segundo a um terceiro, não tendo, nenhum deles, visto. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.14)

O autor do texto no início de sua cruzada lança-se por dentro de um ambiente branco, limpo: o papel. Constrói uma imagem hiperbólica, cheia de alegorias tendo, necessariamente, que condensar as ideias para alcançarem no papel. Embora isto, muita das vezes, não seja claro para o autor. O espaço expansível do texto é comprimido por forças que regem o ambiente humano, agora a pouco, citamos a força centrípeta, em consonância com esta, ocorre a chamada

força centrífuga, que paralelamente e para coexistirem e fazerem-se sentir no ambiente, o papel do construtor do texto deve ser de autor, na extensão da palavra, pois somente a não-inércia de esse pode levá-lo a pormenorizar o hipotexto, bem como trafegar pela força da força centrípeta no hipertexto. Notoriamente, a aceleração centrípeta faz com que ambas as forças permaneçam constantes, com isto permitindo uma dinâmica única de leitura eletrônica.

Assim, parafraseando Chomsky diríamos

...a máquina abstrata permanece ligada a um modelo arborescente, e à ordem linear dos elementos linguísticos nas frases e sua combinatória. Mas desde que levamos em consideração os valores pragmáticos ou as variáveis interiores, principalmente em função do discurso indireto, somos forçados a fazer intervir “hiperfrases”, ou a construir “objetos abstratos” (transformações incorpóreas) que implicam uma sobrelinearidade, isto é, um plano cujos elementos não possuem mais ordem linear fixa: modelo rizoma. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.33).

Os links intratextuais podem ser construídos de forma “fria ou quente”. Os links “quentes” são seguidos de uma explosão de conexões, que independente da localização leva o escritor ao se deparar com o texto rizoma, este é a ambivalência provocada pelas conexões, pela amplitude semântica que o autor do corpus textual possui para criar e recriar com base a o modelo detido, em mãos, um novo olhar sobre o mesmo texto. Assim, podemos avaliar que a formação dos mapas mentais se dá pelos percursos percorridos na trajetória do autor.

[...] não penso apenas a representação gráfica de uma área territorial. O mapa que aqui interessa é o demarcado pela pessoa em suas experiências diárias, de travessia dos lugares, de recriação dos caminhos, abrindo possibilidades para novas narrativas do corpo em movimento, em deslocamento, abrindo espaço para a inscrição de novas paisagens que surgem às sensações”. (CARVALHO, 2013)

Embora os ambientes digitais permitam, hoje, melhor observar este fenômeno, temos que destacar que o acontecimento é intrínseco ao ser humano, podendo este ser comparado à máquina e seu ambiente, para Bakhtin (2010, p.135) “o psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação Linguística

– sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual”.

Se a autoreferencialidade é o ponto de partida na construção de um texto e, não se importando, com a dispersão, então a construção do hipertexto não se dá, com exclusividade, no momento do enfrentamento do autor à FrontPage, o que queremos dizer, é que o tópos textual é o elo entre os diferentes argumentos, na possível configuração de um argumento vindouro de fechamento, cabe dizer também que a interconectividade é a formação da complexa teia em que se permite navegar de forma fragmentada e multilinear em contraposição à leitura linear proposta no acompanhamento do texto físico e rígido no papel.

Para Saramago (1990),

[...]parece legítimo dizer que a História se apresenta como parenta próxima da ficção, dado que, ao rarefazer o referencial, procede a omissões, portanto a modificações... lendo esses historiadores, temos a impressão de estar perante um romancista da História, não no incorreto sentido da História romanceada, mas como o resultado duma insatisfação tão profunda que, para resolver-se, tivesse de abrir-se à imaginação.

O corpus textual se alimenta e vigora em um momento histórico podendo com isto absorver, por parte do autor, os mapas sociais e geográficos que só passam a ter sentido nesse campo semântico. O campo semântico tem a dimensão proposta pela historicidade do autor do corpus textual, ou seja, pode para muitos desses, um mesmo termo absorto pela força centrípeta ter valor adverso se distanciado de seu centro.

Para corroborar essa ideia expomos o pensamento de Oliveira (2011, p. 23)

[...] o título desse poema, Você sabe onde fica o hospício?, é uma grande ironia, pois, ao fazer um levantamento do caos do trânsito sobre a ponte, sugerindo ao leitor uma paisagem de descontrole, de surpresa, surge uma figura perguntando ao personagem-narrador no penúltimo e último verso: “[...] O senhor não sabe onde fica o edifício/ Em que fica o hospício?”. Toda loucura parece já estar instalada na ponte, uma grande bagunça visual, sonora, fisiológica! O hospício pode ser esta ponte mesmo.

Se a força centrípeta desloca para fora do centro o elemento de composição do sistema, temos em contraposição a força centrífuga atuando de tal maneira que o escritor, em todo momento, posiciona ou reposiciona o pensamento. A observância do eixo que faz os elementos textuais e não textuais se confluírem é, no final, tão somente a ideia inicial que alavancou a construção do corpus textual ora chamado de hipertexto na sua interconectividade.

Para Bortoni-Ricardo (2011, p. 137)

[...] se o imigrante –*escritor*– alterna de uma rede isolada de parentes e conterrâneos para uma rede mais ampla de novos conhecidos, alguns dos quais mais adiantados no processo de aquisição da cultura urbana, ele tenderá a adotar esses últimos como modelo para seu comportamento verbal e não verbal. Ele vai esforçar-se para assimilar modos mais prestigiosos de falar, o que representa o que representa um afastamento de seu vernáculo. (grifo nosso).

Pensando no expressado pela pesquisadora na citação passada, podemos construir um contexto visto ser um afastamento do vernáculo e não da construção no modus operandi de tecer a teia no momento imediatamente anterior à expressão do espaço expansível do texto.

O universo semiótico construído entorno do pensamento ou da homepage agrega necessariamente elementos usados por povos de diferentes regiões logrando com isto uma vivacidade dos conteúdos locais e da hermética cotidiana empregada pela língua de uma determinada localidade permitindo com isto a interpenetração de uma cultura em outro grupo social, por empréstimo ou imposição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do pensamento humano ao longo das décadas, séculos e eras vem mudando. Os elementos componentes do corpus textual, partindo do presente, é, no mínimo, fragmentado além de ser composto por imagens das mais variadas em formatos. Pensarmos na formação do hipertexto é concluir que a evolução do homem fisicamente também permitiu a ampliação do cognitivo.

O homem, em seus primórdios –homosapiens- carregava o mundo, ou seja, homem nômade. As constantes migrações a que o homem se submeteu por conta do sistema alimentar, a colheita e no acompanhamento de grandes manadas, estas últimas usadas como alimento esporádico contrário a primeira que regia o ciclo alimentar e sua subsistência, os levava a migrar e com isto limitava seu universo.

Para Barthes (2000. p, 25)

“A forma se torna assim mais do que nunca um objeto autônomo, destinado a significar uma propriedade coletiva e proibida, e esse objeto tem um valor de poupança, funciona como um sinal econômico graças ao qual o “scriptor” impõe permanentemente a sua conversão sem nunca descrever a sua história”

A permissividade na construção do pensamento incorporada pelo homem sedentário é o passo do homem moderno que permite a própria evolução, pois a dispersão e a amplitude na construção do texto –hipertexto- se logra pela historicidade, pelo acúmulo social, físico e cognitivo do homem moderno.

Para o homem é natural construir seu pensamento de maneira hipertextual, usar-se de variadas imagens para assim compor um pensamento e poder comunicar. Mas também associado a isso as modernas plataformas de comunicação permitem uma melhor visualização deste fenômeno, antes só entendido de maneira abstrata.

Cada vez mais é importante romper com a “ditadura do método” como expresso por (DEMO), ou seja, é necessário cada vez mais construirmos novas ontologias revigorando os campos semânticos postos nos estudos da construção da comunicação moderna permitindo assim que máquinas equiparem a apresentação ou out-up do conteúdo ao complexo pensamento formado pelo homem ao longo de sua evolução. Com isso podemos dizer que a fase de maior explosão criativa é, justamente, a travada no campo não linear, identidade objetiva expressa pelo ser humano na construção de hipertextos, visto a quebra do conduto único ofertar novas conexões.

Para Hillis, (1998, p. 114)

“Os computadores eram lentos porque eram sequenciais; podem fazer só uma coisa de cada vez. Computador precisa ver a imagem ponto a ponto; ao contrário, o cérebro percebe imagem inteira instantaneamente e pode ao mesmo tempo comparar o que vê em cada imagem que conhece”

Analisar como as forças naturais, centrípeta e centrífuga; e a constante, se comportam na formação da descrição de um pensamento, seja de um item ou um corpus textual é visualizar e entender que a máquina é uma evolução “externa” de como o cérebro vem se organizando para melhor permitir a leitura ou releituras de um mesmo item ou corpus textual.

Para Hébrard, (2011. p, 37)

“a sociologia das práticas culturais diz que a leitura é uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende. E, por essa razão, ela tem mais frequentemente valor de sintoma de enraizamento nos grupos sociais que praticam as formas dominantes da cultura do que valor de instrumento da mobilidade cultural em direção a esses mesmos grupos.”

Quem escreve um texto ou um hipertexto recria seu universo, permitido pela historicidade dos caminhos antes percorridos. Já quem lê, lê o mundo a seu redor. Fundir estes dois fenômenos é o achado do escreleitor posto frente à máquina.

REFERENCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Linguagem, Cultura e Mídia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BARTHES, Roland. **Escritas Políticas**. In: O grau zero da escrita. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola editorial, 2011.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **A leitura: uma prática cultural**. In: CHARTIER, Roger (org.). Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2011
- CARVALHO, Tomas. Força centrífuga e centrípeta. Disponível em: <
<http://www.infoescola.com/fisica/forca-centripeta-e-centrifuga>>. Acesso em: 10/01/2013.
- DELEUZE, Gilles & Guattari, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo. Editora 34, 1997.
- DEMO, Pedro. Conhecimento e Aprendizagem na Nova Mídia. Editora Plano, Brasília, 2001.
- Hillis, W. D. **Posicionamento de Hillis**. In: DEMO, Pedro. 2001. Conhecimento e Aprendizagem na Nova Mídia. Editora Plano, Brasília. 2001.
- OLIVEIRA, Alexandre et al. **Deslocamentos críticos**. São Paulo: Babel; Itaú Cultural, 2011. 279p.
- SARAMAGO, José. **História e ficção**. Jornal de Letras, Artes e Idéias. Lisboa: s/e, 1990.